

GRESTA, Luciana Maria Rodrigues. **Quando as pessoas numa caminhada matinal não cumprimentam você:** um olhar sobre as impressões de pertencimento que causam reflexões. Universidade de Brasília.

RESUMO: Este trabalho surgiu das inquietações e reflexões pessoais sobre as performances que representam os sujeitos no universo das relações cotidianas e extracotidianas. A partir da minha convivência com o grupo das mulheres da comunidade de gaúchos do Núcleo Rural Tabatinga/DF, traço um paralelo das minhas impressões sobre as performances que se dão e da relação de pertencimento que as ações observadas permitem estabelecer. Para tal observação, considero, principalmente, a minha trajetória pessoal, já que me insiro na comunidade em razão de aspectos relacionais e afetivos que me aproximam do grupo. Levo em consideração, ainda, as noções de teatralidade e esperacularidade propostas por Armindo Bião e Graça Veloso e suas conceituações na Etnocenologia. A pesquisa se deu durante os festejos que aconteceram na Semana do Produtor Rural, no ano de 2012, para celebrar o final do ciclo do trabalho do plantio e da colheita de grãos, atividade agrícola característica dessa comunidade.

PALAVRAS-CHAVE: Etnocenologia. Antropologia. Alteridade. Tradição. Identidade.

ABSTRACT: This work emerged from the concerns and personal reflections about the performances representing the subject in the universe daily relations. From my living with the Group of women from the rural community of Tabatinga/DF, trace a parallel of my impressions of the performances that take place and the relationship of belonging that observed actions allow you to establish. For this observation, I think it is mainly my personal trajectory aspects, since I just punch in the community because of relational and affective aspects that I approach the group. Take into consideration the notions of theatricality and esperacularidade proposed by Armindo Bião and Graça Veloso and its concepts in Etnocenologia. The survey took place during the celebrations that took place in the week of the Rural producer, in the year 2012, to celebrate the end of the work cycle of planting and harvesting grain, agricultural activity of this common feature.

KEYWORDS: Etnocenologia. Anthropology. Otherness. Tradition. Identity.

A Antropologia define alteridade como a concepção que parte do pressuposto básico de que todo o homem social interage e interdepende de outros indivíduos. Assim, a existência do eu-individual só é permitida mediante um contato com o outro. Dessa forma eu apenas existo a partir do outro, da visão do outro, o que me permite também compreender o mundo a partir de um olhar diferenciado, partindo tanto do diferente quanto de mim mesmo,

sensibilizado que estou pela experiência do contato. Na contemporaneidade, a referência é o olhar do outro, que passa a exercer uma influência passiva e recíproca sobre as ações uns dos outros. O sujeito condiciona a sua vida pela presença de um espectador, seja ele real ou imaginário e direciona suas ações, consciente ou inconscientemente, para causar e orientar as impressões que o outro tem dele.

Tradição, criação, transformação e transgressão foram as temáticas abordadas nas minhas aulas da pós-graduação e eu, aproximando-as à minha vida, buscava entender como tudo o que falávamos, tratavam-se das relações, especificamente, as minhas relações com os outros e o meio. Em uma caminhada matinal, dessas que as pessoas fazem com o intuito de se exercitar enquanto pensam na vida, reparei que, naquele dia, as pessoas passavam por mim e não me cumprimentavam. Primeiro uma, depois outra e outra, ninguém mais olhava para mim. Cheguei a pensar mesmo que pudesse estar invisível, e comecei eu a dizer “bom dia”, sem obter retorno nenhum. Aquilo me assustou, me causou estranhamento e, de repente, comecei a pensar no quanto eu dependia do olhar do outro para me sentir pertencente. Afinal, aquela ali era a minha comunidade.

Assim, comecei a analisar essa “complexa teia” das minhas relações e a mim, enquanto sujeito nesse processo relacional cotidiano, a partir de algumas questões que me causam desconforto e sob a ótica das ações cotidianas enquanto performances, baseadas no conceito de Schechner (2003) de “comportamento restaurado”. Assim, falo primeiro da minha inserção/imersão no contexto em que mais estou presente atualmente, atuando, principalmente, como observadora participante, o que pede a Antropologia, mas também como pretensa participante, consciente dessa necessidade de me sentir pertencer a essa tribo chamada “família”. Falo, portanto, da comunidade gaúcha onde está inserida toda a minha “família”.

A comunidade a que me refiro é a Comunidade do Núcleo Rural Tabatinga, formada por famílias oriundas do Sul do País. São homens e mulheres que tem como principal atividade de geração de renda a agricultura. A região de Tabatinga reúne pouco mais de 260 propriedades, num total de 10 mil hectares. O forte da produção do local são grãos, horticultura e fruticultura, além da pecuária, onde se destaca a produção de leite, suínos e frangos. O

Núcleo Rural de Tabatinga fica a cerca de 30km de Planaltina e a 60km do Plano Piloto de Brasília, com acesso pela DF-130 ou pela DF-120. Convivendo com essas famílias, num período de 09 dias, observei e participei com elas de um evento cujo objetivo principal era integrar os produtores rurais da região, levando conhecimentos tecnológicos aplicáveis na agricultura e incentivando a competição saudável entre os agricultores e suas famílias. Mas, como se tratava, prioritariamente, de uma festa, um evento social anual, percebi ali nuances no comportamento das pessoas daquela comunidade que reforçaram em mim a noção de que ações performáticas são as ações que tanto integram quanto segregam seus membros.

O sentimento de pertencimento social é inerente ao ser humano, pois todos nós de alguma forma buscamos pertencer a algum espaço e/ou lugar, seja por uma questão geográfica, cultural, social, ou étnica. Nesse sentido, é preciso perceber os sujeitos inseridos em seus contextos, com suas múltiplas configurações e formas de organização, agregando suas diferenças, seus conflitos e demandas na busca de seu pertencimento comunitário, através de uma visão capaz de identificar não só fragilidades, mas também potencialidades que são desenvolvidas no cotidiano.

Percebo o quanto há, ainda, em uma comunidade “tipicamente gaúcha”, a 50 km da Capital Federal do Brasil, características de segregação de gênero, embora tal segregação seja muito mais percebida na sua forma: as pessoas ali agem segundo seus hábitos, considerando-os naturais. É algo sobre o que não se conversa, é assim e pronto, como algo herdado e imperceptível aos olhos de quem está dentro, mas não de quem está fora. É importante aqui que se compreenda a existência de uma distinção clara entre gênero e sexo.

“O sexo refere-se aos aspectos anatômicos e fisiológicos dos indivíduos, enquanto o gênero é uma categoria culturalmente construída que as pessoas associam à própria identidade, como elas sentem e se percebem, independentemente do sexo (biológico) que tenham”(Calligaris, 1996, pág. 26).

Acredito que sejam os “papéis” investidos e assumidos. Observando as práticas performáticas das transformações sociais ao longo da história, para

homens e mulheres em Tabatinga, percebo que os papéis são claros e indiscutíveis.

Durante todos os dias da festa, as mulheres são as responsáveis pela cozinha. Preparam e servem uma média de 2.500 refeições, entre almoços (2) e jantares (7), com cardápios diferentes todos os dias, além dos lanches, tira-gosto e sobremesas. Mas há o dia dedicado a elas, no qual o preparo do almoço é de responsabilidade dos homens. Mas só o preparo, porque quem arruma a cozinha depois do almoço ainda são elas. Políticos e autoridades do Governo do Distrito Federal são recebidos pelos homens, já que esse é um evento político também. Nas horas de folga, o grupo das mulheres senta e conversa, separadamente dos homens, que transitam livremente entre os dois gêneros. Mas quem as prende ali? Ninguém. É assim. Ninguém se atreve a fazer diferente. Como sou casada com um gaúcho, membro da Associação dos Produtores Rurais do Núcleo Rural Tabatinga, vivencio tais situações esporadicamente, e acredito que sejam essas diferenças que me distanciam da prática cotidiana deles. Mas eu, no meu papel de esposa, também nunca ousou alterar o “status quo” vigente ali. Interessante pensar na discussão do desempenho dos papéis sociais, que para Goffman, tem a ver com o modo como cada indivíduo concebe a sua imagem e pretende mantê-la. Nesses momentos, penso e reflito sobre, além do meu papel social ali, nos papéis dos sujeitos que se colocam nesse mundo contemporâneo, à mercê dos estereótipos, e pergunto: Mas quem é e o que almeja o sujeito contemporâneo?

As identidades contemporâneas estão sendo fragmentadas, ou seja, as chamadas crises de identidade promovem a descentralidade dos sujeitos, tanto no mundo social e cultural, quanto de si mesmos, afirma Stuart Hall (2006). O que implica dizer que as transformações sociais pelas quais passamos estabelecem em nós identificações diversas, trazendo um pensar e um ser diferente. Esse ser diferente é algo almejado por toda a coletividade, creio eu, em menor ou maior grau/intensidade. Embora Stuart Hall (2006) descreva o sujeito moderno compreendendo a internalização do exterior do sujeito e a externalização do interior, através da ação no mundo social, afirmando que o indivíduo busca, atualmente, o pensar coletivo e o ser individual, acredito que no caso específico, os membros da comunidade em questão permitem-se

“certas práticas” que, na minha percepção, são excludentes e segregárias, no intuito da manutenção das tradições, evitando uma re-significação das mesmas, porque acreditam que possíveis mudanças os distanciariam por demais do seu sistema social originário.

É fato que, conversando com as mulheres dali, informalmente e sem me identificar como pesquisadora, mas como provável “membro” em busca de aceitação naquele contexto, me deparei com as impressões dessas mulheres, mais indicativas de uma “certa” insatisfação latente á respeito do modo como vivem. Esta demonstração informal delas não se transforma em prática porque, de alguma forma, elas participam de um grupo que valoriza muito o seu passado.

Existem elementos essenciais que, no meu ponto de vista, fundaram a constituição de todo um grupo social em torno da figura do gaúcho. Esse “gaúcho” do sexo masculino, branco, geralmente ligado a terra e sempre muito ligado às suas origens familiares, orgulhosos de carregarem essa denominação.

“O gaúcho, recuperado pelo discurso literário como herói, advém de uma realidade social platina e é representado historicamente como um ser simples, pobre, bronco, sem-pátria, sem cultura e sem perspectiva que o Rio Grande do Sul abrigou nos primeiros tempos, pois ele foi o indivíduo que viabilizou, por suas características, o desenvolvimento da atividade primária da pecuária, da extração do couro dos animais, da própria produção do charque. Os feitos desse gaúcho funcionam como fundadores na constituição histórica e social do povo que ele representa e que, de certa forma, se representa nele; trata-se de um herói que surge em resposta a uma necessidade de resistência, em tempos de barbárie e de intensos conflitos armados. Na época da Revolução Farroupilha, por exemplo, os gaúchos lutavam tanto do lado dos farrapos quanto do lado dos imperiais. Com a entrada dos colonizadores no pampa, sobretudo os espanhóis, foram introduzidos novos hábitos, dentre eles o da pecuária, pois os europeus trouxeram consigo o gado bovino, ovino e eqüino”(Silveira, 2004).

O processo de instauração da designação “gaúcho”, como representativa de todos os habitantes do estado, data do início do século XX, quando ocorre uma re-significação do imaginário sobre o mesmo.

“Muito embora a Revolução Farroupilha tenha tido como pano de fundo as disputas territoriais com os países vizinhos, ela constitui nosso imaginário atual como o evento que marca a instauração do espírito revolucionário no sul do Brasil, pois trata-se de uma revolução civil do Estado contra o resto do país, mobilizadora de

grande parte da população rio-grandense que queria fundar uma nação independente econômica e politicamente” (Golin, 2002).

Ainda hoje é perceptível o orgulho por essa memória histórica de atuação, observável, por exemplo, nos núcleos de reuniões, nas bandeiras regionais indicativas nos carros e em diversas outras situações. O gaúcho traz em si marcas de um processo social, histórico, político, econômico e cultural, próprio da fundação e desenvolvimento do Rio Grande do Sul. Atualmente, percebo que o orgulho de ser “gaúcho” estende-se não só aos habitantes do estado do Rio Grande do Sul, como aos habitantes e sujeitos oriundos da Região Sul do País. É comum ver Paranaenses e Catarinenses se denominarem “gaúchos”, dada a identificação com o papel de força e persistência que representam.

Michel Maffesolli (2006) afirma que, enquanto característica da socialização, a pessoa representa papéis, tanto dentro de sua atividade profissional quanto no seio das diversas tribos de que participa. É o que diz Schechner (2003) com seu conceito de comportamento restaurado: “Não há nenhuma ação humana que possa ser classificada como um comportamento exercido uma única vez. Performances (cotidianas) são feitas de pedaços de comportamento restaurado”. Convivendo com a comunidade gaúcha citada, percebo que existem ali várias combinações de performance que são reforçadas pela força da tradição.

Performa-se para aqueles que não estão inseridos, como meio de assegurar a união do grupo. Dessa forma, podem re-encantar, por exemplo, seu mundo árduo, árido, cuja atividade essencialmente agrícola exige deles a sobrevivência a situações de stress extremo, já que estão sujeitos as intempéries climáticas que determinam o sucesso ou fracasso dos seus empreendimentos, além, é claro, de outras questões ligadas a terra, como política agrária, subsídios agrícolas, preços de mercado, dentre outras. Graça Veloso (2009), em seus estudos baseados na etnocenologia, diz:

“É na contemporaneidade, tempo do direito ao sonho e ao devaneio pela ação do reencantamento do mundo que o homem de hoje se sente mais confortável e se reconhece. É no reencantamento que tomam lugar todas as identificações sociais, que adquirem várias formas de convivência e norteiam as identidades. Esse reencantamento se dá através da ação do imaginário, poderoso elemento constitutivo do estar-junto fundamental. O ser humano não

lida diretamente com as coisas, mas sim, com os simbolismos que cria a partir delas. Seu mundo é um mundo do imaginário, em que a razão, a linguagem racional e conceitual, a ciência, a arte, a religião e os sentimentos são dimensões imaginárias”. (Graça Veloso, 2009, pág. 85)

Os homens performam pela manutenção das diferenças entre os gêneros e as mulheres pela aparente aceitação das diferenças. Entendo que a capacidade da troca de saberes entre os indivíduos se dá através, principalmente, da percepção do seu papel nas relações com o outro, cotidianamente. Afinal, o indivíduo não pode existir isolado; ele está ligado a sua comunidade, embora disperso por ser o eleitor dos seus próprios quereres e vontades. No caso específico, percebo que as mulheres gaúchas de Tabatinga, criaram mecanismos ou estratégias de sobrevivência, adotadas pela necessidade do reconhecimento delas num meio tipicamente masculino, que as possibilitam compartilhar conhecimentos e manifestar seus desejos, como por exemplo, nos trabalhos na cozinha, durante a festa, quando categorizam as atividades de acordo com as aptidões culinárias e assim, criam classificações. Mas, ainda assim, somente nas áreas onde lhes é cabível transitar. Geralmente não opinam, não decidem e se o fazem, é com muita discrição e somente entre elas. É a forma que tem de preservarem o estar juntos, manterem-se unidas enquanto mulheres que vivenciam situações similares, o que passa ser muito mais importante do que discordar da “ordem” vigente, numa espécie de “conformidade consciente” ou conveniência. Importante aqui questionar: será que elas são tão submissas realmente? Não haveriam outros espaços/formas de manifestação de seus desejos e opiniões? Não pude até aqui perceber no convívio com elas, a explicitação do contrário do que foi exposto.

O ser humano utiliza diversas formas de representação para se mostrar a seus semelhantes. Nesse sentido, ele assume suas ações por interesse ou conveniência e tenta nortear as impressões que os outros têm dele, tendo em vista suas expectativas quanto ao que ele espera do outro. Erving Goffman (2008) traduz tal idéia referindo-se à “maneira pela qual o indivíduo se apresenta, em situações comuns de trabalho, a si mesmo e as suas atividades às outras pessoas, os meios pelos quais dirige e regula a impressão que formam a seu respeito e as coisas que pode ou não fazer, enquanto realiza seu desempenho diante delas”. Aqui não se percebe interesse ou conveniência

negativamente, mas como uma característica natural do sujeito contemporâneo, que tão sedento do coletivo, cada vez mais se individualiza.

A contemporaneidade reforça a crença no papel que o indivíduo está representando e, portanto, concebe a própria vida como uma encenação dramática. O relacionamento social comum é montado tal como uma cena teatral, resultado da troca de ações, oposições e respostas conclusivas dramaticamente distendidas. A comunicação entre os pares é estabelecida com o objetivo do crescimento individual. O sujeito só faz ou realiza para si, mesmo quando está deliberadamente também contribuindo para o desenvolvimento do outro. Durkheim (2008) faz uma observação semelhante: A personalidade humana é uma coisa sagrada; ninguém pode violá-la ou infringir seus limites, embora, ao mesmo tempo, o maior bem consista na comunicação com os outros.

Todas as questões apontadas não são uma característica da contemporaneidade. São questões pontuais e se referem a alguns espaços culturais nos quais se valorizam as tradições, mesmo que tais tradições signifiquem um não contato dentro do grupo, como é o caso dos homens e mulheres aqui citados, mas, de certa forma, há a evidência e a manutenção do contato enquanto grupo/comunidade. Suponho, portanto, que a problemática do não contato e do não pertencimento só exista em alguns lugares, como por exemplo, lugares onde as pessoas caminham, se olham, mas não mantêm contato. Eu, em constante convivência com os gaúchos, presencio e até vivencio o contato entre as pessoas da comunidade em questão, tentando não fazer juízo de valores sobre os comportamentos com os quais estou dialogando. Percebo também a existência de outras integrações como entre as gerações, por exemplo. As festas acontecem com um público cada vez mais jovem. São os filhos e netos da “velha guarda” de produtores que há 22 anos acreditam ser importante celebrar o final da colheita e a união das famílias.

É fato que, uma caminhada, por si só, não provoca o afetar necessário aos vínculos que denotam a sensação de pertencimento a um grupo ou comunidade. É fato também que, na contemporaneidade, apesar dessa necessidade latente do homem de manter esses vínculos, ele está cada vez mais sozinho, individual. Mas para Marc Auge (2008) “não há identidade sem a presença dos outros. A identidade se constrói no nível individual através das

experiências e das relações com o outro, mas também a nível coletivo”. O etnólogo prefere a denominação sociedade humanidade para definir as relações dos indivíduos no jogo social do encontro com o outro. Assim, a sociedade vive e se organiza através dos encontros e reencontros, das situações, das experiências individuais em cada grupo. O afeto, aquele que move os encontros sociais, também os referenciam. A dinâmica da vida, através das relações, promove estranhamentos que me fazem pensar no porque as pessoas, naquele dia, não me perceberam no caminho.

Referências

AUGÉ, Marc. **Não lugares** – introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas/SP: Papyrus. 1994.

CALLIGARIS, Contardo. **Crônicas do individualismo cotidiano**. São Paulo/SP: Ática. 1996.

DURKHEIM, Émile. **Sociologia e filosofia**. São Paulo/SP. Ícone. 2007.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis/RJ: Vozes. 2008.

GOLIN, Tau. **A fronteira**: governos e movimentos espontâneos na fixação dos limites do Brasil com o Uruguai e a Argentina. São Paulo: L&PM, 2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**. Rio de Janeiro/RJ: DP&A. 2006.

MAFFESOLLI, Michel. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. São Paulo/SP: Forense Universitária, 1998.

SILVEIRA, Verli Fátima Petri. **Imaginário sobre o gaúcho no discurso literário da representação do mito em Contos Gauchescos, de João Simões Lopes Neto, à desmitificação em Porteira Fechada, de Cyro Martins**. Dissertação de Doutorado. IL-PPG-Letras, UFRGS/RS, 2004.

SCHECHNER, Richard. **O que é performance?** *In*: O Percevejo. Revista de Teatro, Crítica e Estética. Ano 11. Nº 12. 2003.

VELOSO, Jorge das Graças Veloso. **A visita do divino**. Brasília/DF: Thesaurus, 2009.